

A CASA RIBEIRINHA SOBRE ÁGUAS: ARQUITETURA E CULTURA

Patrícia Braga Ribeiro (IC) e Jair Antonio de Oliveira Junior (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Parte da adaptação que a população ribeirinha amazônica enfrentou foi referente ao morar. Habitar em áreas que passam grande parte do tempo alagadas, produzem três tipos de solução: casas apoiadas sobre o solo em regiões mais altas, casas palafitas e casas flutuantes. Para abordar a questão da casa ribeirinha sobre águas, o trabalho baseia-se na delimitação de três pontos, sendo eles: a paisagem, o ribeirinho e a habitação. Permeando esses pontos busca-se conectar arquitetura e cultura através da relação dos aspectos da vida do habitante ribeirinho ao uso e produção do espaço, considerando seus costumes e tradições. A intenção de partir desses temas é evidenciar a interação morador, casa e ambiente através da arquitetura e cultura. A forma que a cultura se expressa arquitetonicamente fica explícita quando percebemos que tanto na construção do espaço quanto no seu uso, os saberes adquiridos de geração em geração se fazem presentes. O objetivo deste trabalho é compreender o modo que o ribeirinho usufrui do espaço de moradia e como se dá essa relação com a paisagem, no sentido do habitat e sazonalidade do rio. Espera-se evidenciar vínculos entre arquitetura e cultura dentro desse contexto, usando como base material audiovisual e literatura para elaboração da revisão bibliográfica. Pode-se perceber a relação da cultura do homem ribeirinho com a arquitetura, através do uso e produção do espaço na paisagem amazônica, considerando seus saberes tradicionais.

Palavras-chave: ribeirinho, habitação, cultura

ABSTRACT

Part of the adaptation that the Amazonian riverside community faced was related to living. Dwelling in areas that spend most of their time flooded produce three types of solution: houses on the ground in higher regions, stilts and houseboats. To address the issue of the riverside house on water, the work is based on the delimitation of three points, namely: the landscape, the riverine and housing. Permeating these points seeks to connect architecture and culture through the relationship of aspects of life of the riverside inhabitant to the use and production of space, considering their customs and traditions. The intention from these themes is to highlight the interaction between resident, home and environment through architecture and culture. The way culture expresses itself architecturally becomes explicit when we realize that both in the construction of space and its use, knowledge acquired from generation to generation is present. The aim of this paper is to understand the way the riverside community enjoys the living space and how this relationship with the landscape occurs, in the sense of

the habitat and seasonality of the river. It is expected to show links between architecture and culture within this context, using as a basis audiovisual material and literature to prepare the literature review. One can see the relationship between the culture of the riverside man and architecture, through the use and production of space in the Amazonian landscape, considering their traditional knowledge.

Keywords: riparian, housing, culture

1. INTRODUÇÃO

A maneira como se enxerga o mundo é produto de uma herança cultural (LARAIA, 2001), baseia-se em experiências vividas e no contexto no qual se está inserido, é por essa razão podemos dizer que a cultura influencia em muitos, senão todos, aspectos da vida em sociedade. Quando falamos sobre o ribeirinho amazônico é inevitável reconhecer que ele detenha uma cultura bastante rica. Suas origens contribuíram para a formação de saberes tradicionais que possuem forte ligação com seu modo de vida.

Apesar do conceito de cultura ter se tornado polissêmico, pode ser utilizado para se referir ao conjunto de padrões comportamentais, hábitos, crenças, expressões artísticas, a um modo da civilização ou saberes produzidos por um determinado grupo (MALANCHEN, 2015).

O Brasil é um país formado por uma população de origens distintas e composto por inúmeras identidades culturais. Historicamente essas culturas apresentam uma forte ligação entre homem e natureza, marcando a paisagem por meio de manifestações físicas e culturais que resultam da somatória de ativos intangíveis, como tradições e conhecimentos, e também tangíveis, como construções, utensílios, objetos arqueológicos, entre outros (BRUGNERA, 2015).

O bioma Amazônia, segundo a Fundação Oswaldo Cruz, ocupa cerca de 40% do território nacional. Nele estão localizados os estados do Pará, Amazonas, Amapá, Acre, Rondônia e Roraima e algumas partes do Maranhão, Tocantins e Mato Grosso. Seu limite se expande também para países vizinhos. A floresta amazônica é conhecida como abrigo da maior biodiversidade do mundo, pois nela podem ser encontradas milhares de espécies animais, vegetais e micro-organismos. Além da variedade de seres biológicos, a região conta com muitos rios, os quais formam a maior reserva de água doce de superfície disponível no mundo.

Para abordar a questão da casa ribeirinha sobre águas o trabalho baseia-se na delimitação de três pontos, sendo eles: a paisagem, o ribeirinho e a habitação. A intenção de partir desses temas é evidenciar a interação morador, casa e ambiente através da arquitetura e cultura.

A pesquisa é relevante por enfatizar a relação da cultura do homem ribeirinho com a arquitetura, através do uso e produção do espaço na paisagem amazônica, considerando seus saberes tradicionais.

O objetivo deste trabalho é compreender o modo que o ribeirinho usufrui do espaço de moradia e como se dá essa relação com a paisagem, no sentido do habitat e sazonalidade do

rio. Espera-se evidenciar vínculos entre arquitetura e cultura dentro desse contexto, usando como base material audiovisual e literatura para elaboração da revisão bibliográfica.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

O primeiro ponto a ser abordado será a paisagem na qual está inserida a habitação ribeirinha e a relação do habitar levando em conta a sazonalidade do rio. O segundo ponto é o homem ribeirinho, onde se busca caracterizar, ainda que de forma simplificada, quem é esse personagem, quais são seus valores e saberes. Por fim, o terceiro ponto é a habitação desse personagem, com o intuito de evidenciar as soluções adaptativas ao ambiente referentes ao morar e a organização espacial.

Permeando esses três pontos busca-se conectar arquitetura e cultura através da relação dos aspectos da vida do habitante ribeirinho ao uso e produção do espaço nesse ambiente, considerando seus costumes e tradições.

2.1 A paisagem

A Amazônia como bioma possui quase 8 milhões de km², distribuídos em nove países da América do Sul: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. Em território brasileiro se estende por 4,1 milhões de km². A Amazônia Legal, conceito criado na década de 1950, é ainda maior, abrangendo 5,5 milhões de km², ou dois terços do país, com 18 milhões de habitantes. Ela se espalha por nove Estados: Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia, Acre, Amapá, Maranhão, Tocantins e Mato Grosso, como mostra a figura 1. Ícone mundial de biodiversidade, nela estão localizadas a maior bacia hidrográfica e floresta tropical do mundo. Além de toda riqueza natural, a Amazônia contém uma surpreendente diversidade cultural. Nela vivem cerca de 170 povos indígenas, com uma população de aproximadamente 180 mil indivíduos, além de comunidades ribeirinhas e remanescentes de antigos quilombos (ALMANAQUE BRASIL SOCIAMBIENTAL, 2008).

Figura 1: Mapa Limites da Amazônia



Fonte: Portal Amazônia

Abrigando uma vasta e intrincada rede hidrográfica, formada pela calha do rio Amazonas e seus afluentes e subafluentes, a Amazônia concentra as maiores massa verde e bacia hidrográfica do planeta, sendo possuidora do maior complexo hídrico florestal no globo (FRAXE, 2000).

O cenário amazônico é produzido através da sazonalidade dos rios: a alternância entre períodos de águas altas (cheias) e águas baixas (secas), resultando em espacialidades distintas. Tudo que acontece nas águas é afetado diretamente por essa sazonalidade, como a circulação de pessoas e bens. Logo, os que habitam as margens dos rios e dependem dele para suas atividades diárias necessitam adaptar-se a estas mudanças (SAMPAIO et al., 2016).

As populações que habitam as várzeas amazônicas adaptaram-se às condições naturais, tais como: o processo da enchente/vazante, erosão/deposição, mantendo uma relação equilibrada com a natureza, fazendo com que ela trabalhe a seu favor. Pode-se dizer que, nesses ambientes, natureza e homem se completam. Nota-se que o modo de vida dos camponeses-ribeirinhos está diretamente relacionado ao conhecimento adquirido/herdado sobre como lidar com os ambientes de várzea e terra firme, às formas de manusear os recursos naturais e integrá-los no seu cotidiano (SOUZA, 2012).

A agricultura, a pesca ou o extrativismo – suas atividades de trabalho, dependendo do regime das águas – permitem que este trabalhador ribeirinho valorize seu lugar. Pelo trabalho, seja na água ou na terra, o homem da várzea exercita a “experiência” e transforma espaço

em lugar, criando identidade com o ambiente: plantando, pescando, navegando ou coletando produtos que garantam sua subsistência e de sua família (PEREIRA; WITKOSKI, 2012).

Como observa Nogueira (2016), o rio muda a paisagem entre suas cheias e vazantes e junto, muda a vida de quem habita em suas beiras, moldando suas margens e seus habitantes. Homem e natureza se complementam para formação desse cenário das margens:

Fatores externos interferem a produção local, possibilidades que independem da comunidade, mas que podem motivá-la ou desmotivá-la. Fluxos agem nos fixos e fixos respondem aos fluxos. O produtor, para produzir, utiliza-se de fixos, tanto para o plantio como para a colheita: terra, ferramentas e demais insumos de produção. Após a colheita chega o momento da distribuição, quando, para esta tarefa, são utilizados o rio e o barco. Rio e barco são fixos na paisagem da várzea. O rio é um objeto natural (fixo), além de ser caminho de comunicação entre as comunidades (fluxos). O barco é um objeto artificial (fixo) e um engenho do empirismo humano, que é influenciado por diversos saberes (fluxo), ele transporta produtos, pessoas e informações (fluxo). Juntos, barco e rio tornam-se agentes de circulação na distribuição de produtos e informações, alternando-se entre fixos e fluxos (PEREIRA; WITKOSKI, 2012, p. 287).

2.2 O ribeirinho

Buscando identificar um perfil sociocultural, o termo ribeirinho refere-se ao morador que se estabeleceu às margens dos rios, em um espaço dinâmico. Esse modo de vida revela uma profunda articulação com a natureza, onde a água é elemento de grande valor cultural dessa população (NETO; FURTADO, 2015). Sendo o rio elemento central na vida dessas pessoas, mostrando-se importante para a cultura, história e geografia do lugar (SANTOS et al., 2012).

Lima (2010) afirma que os habitantes das comunidades ribeirinhas estão constantemente ligados às relações do saber e aprender. Isso porque os saberes construídos, assim como a forma de aprender a sobrevivência e as regras sociais, necessariamente, implicam na história da comunidade. Apesar do homem apresentar singularidades e particularidades como indivíduo, é antes, um ser social.

Composta basicamente por trabalhadores que exercem atividades como o extrativismo do buriti, açaí e cacau, mas também produtos artesanais e pesca, a população ribeirinha amazônica é fruto da miscigenação de raças: negro, indígena e branco (SANTOS et al., 2012).

Os ribeirinhos tiveram que construir uma rede de saberes que permitisse a sobrevivência no ambiente no qual se encontram. Aprenderam ao longo do tempo os ensinamentos passados de geração em geração, praticando o observar e o fazer. Não

possuem conhecimentos acadêmicos e científicos, mas sim o saber empírico, popular que foi constituído principalmente no processo e que lhes permite a vida em grupo.

Saberes tradicionais influenciam em todos os aspectos do viver em sociedade, desde a alimentação até o modo de morar e lidar com o espaço. Brugnera (2015) salienta que o conhecimento é um bem coletivo e extraordinário desse povo, é um bem cultural imaterial. Também observa que além do homem ribeirinho deter grande conhecimento do território, suas riquezas e potencial natural, sabe quão importante é sua preservação, organizando sua vida de maneira não predatória.

Tratando-se de uma população prioritariamente nômade, que teve que se adaptar e viver conforme as condições que o ambiente exige, segundo Oliveira Junior (2009), a relação entre o rio e o ciclo hidrológico, evidencia uma série de desdobramentos que são fundamentais para compreender a habitação em florestas alagadiças. Oliveira (2016) complementa: “Suas casas, assim como as atividades econômicas e culturais, estão subordinadas aos rios. A população local utiliza a água como meio de sustento, pesca e de transporte.” É por conta desse modo de vida nas várzeas que Therezinha Fraxe (2000) define em seu livro “Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas” o caboclo Amazônico como sendo um “homem anfíbio”.

Moran (1990) argumenta que no caso das áreas de várzea na Amazônia as técnicas e os conhecimentos do meio natural produzidos são as principais fontes de adaptação às pressões exercidas pelo ambiente, destacando-se as adaptações às condições hidrológicas e as variações sazonais, que afetam os ciclos dinâmicos do rio (Moran,1990 apud NETO; FURTADO,2015).

Parte da adaptação que a população ribeirinha amazônica enfrentou foi referente ao morar. Habitar em áreas que passam grande parte do tempo alagadas, produzem três tipos de solução: casas apoiadas sobre o solo em regiões mais altas, casas palafitas e casas flutuantes.

2.3 A habitação

Como a maior do globo, a bacia Amazônica apresenta abundante disponibilidade hídrica. Esta bacia continental se estende por 7 países da América do Sul: Brasil (63%), Peru (17%), Bolívia (11%), Colômbia (5,8%), Equador (2,2%), Venezuela (0,7%), Suriname (0,1%) e Guiana (0,2%). Além do grande potencial hídrico, a região Amazônica detém a maior biodiversidade do planeta e importantes registros arqueológicos (SAMPAIO et al., 2016).

No Brasil, os estados que compõem a Bacia Amazônica são: Acre (3,41%), Amapá (3,19%), Amazonas (35,07%), Mato Grosso (20,17%), Pará (27,86%), Rondônia (5,30%) e Roraima (5,01%), segundo as bases do Plano Nacional de Recursos Hídricos (PNRH, 2005).

De acordo com o Almanaque Brasil Socioambiental (2008), a Amazônia é a região brasileira de maior abundância em recursos hídricos, com 74% da água disponível no território nacional. Os fatores que contribuem para essa disponibilidade são: alta precipitação média regional (2.240 mm), dimensões da bacia do Rio Amazonas e de seus principais afluentes, não somente em território nacional como também nos países de montante (Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia).

As oscilações anuais do nível do rio fizeram com que toda a vida na região, seja ela animal, vegetal ou do próprio homem, produzisse uma enorme capacidade adaptativa a esse ambiente de constantes alterações (SOUZA,2012).

As habitações podem ser basicamente de três formas: apoiadas no solo em áreas altas, flutuantes ou palafíticas. Para as casas apoiadas diretamente no solo, Brugnera (2015) cita que o ribeirinho cria três fiadas de alvenaria em todo o corpo da residência protegendo a madeira da vedação da umidade, evitando o apodrecimento.

As construções flutuantes (Figura 2) podem ser do tipo tradicional, quando são construídas sobre toras de madeira, a mais usada é a da árvore Hura crepitans, popularmente conhecida por açacu, ou também sobre plataformas metálicas. Apesar da variedade de técnicas construtivas e materiais, esse tipo de edificação possui uma característica principal: esse modelo permite maior flexibilidade ao morador, uma vez que se adequa ao nível da água, enquanto o segundo se mantém fixo, deixando o morador praticamente “ilhado” (OLIVEIRA JR, 2009).

Nas encostas dos rios e em áreas alagáveis da Amazônia encontram-se as palafitas (Figura 3), que possuem base fixa na terra. Esse tipo de edificação sofre com uma maior interferência das águas, de acordo com o volume de água das cheias do rio (BRUGNERA et al., 2016).

Figura 2: Casa flutuante – Lago do Pesqueiro, Manacapuru, AM



Fonte: Extraído do artigo Arquitetura Ribeirinha na Amazônia: Habitar em ambientes extremos, de Jair Antonio de Oliveira Junior (2019)

Figura 3: Casa sobre palafita – Lago do Pesqueiro, Manacapuru, AM



Fonte: Extraído do artigo *Arquitetura Ribeirinha na Amazônia: Habitar em ambientes extremos*, de Jair Antonio de Oliveira Junior (2019)

Mirna Feitoza, doutora em comunicação e semiótica, afirma no programa produzido por Revanche Produções e Miração Filmes, “Habitar/Habitat: Palafitas e Casas Flutuantes”, de 2013, disponível no Youtube, no canal SescTV, que as palafitas são uma síntese da natureza e cultura na Amazônia, e que o homem amazônico, percebendo o ciclo das águas usa a palafita para adaptar sua forma de morar na região.

Para Menezes et al. (2012), as palafitas na Amazônia têm relação não só com o ambiente físico, mas também com os aspectos culturais e a vivência cotidiana dos ribeirinhos, tornando essas construções espontâneas uma tradição regional, revelando traços da cultura amazônica pelo modo de vida.

O ato de construir a própria moradia é bem comum em todo o Brasil. Brugnera (2015) descreve essa prática associando aos saberes tradicionais:

Para se construir uma casa precisa-se buscar a matéria prima na floresta. O uso da madeira, do barro, do cipó e da palha estabelecem uma estreita conexão da arquitetura ribeirinha com a arquitetura indígena, principalmente no que se refere ao madeiramento para a estrutura tanto da palafita como do flutuante, como os cipós de fixação e palhas de fechamento. Adaptando-se ao meio ambiente e ao que ele lhes oferecia, os migrantes que chegaram no primeiro e segundo ciclos da borracha tiveram que se adaptar à cultura local, incorporando muitos dos saberes tradicionais em seus novos modos de vida (BRUGNERA, 2015, p. 66)

A arquitetura chamada de vernacular por alguns autores por se tratar de uma construção que não tem conhecimento acadêmico envolvido, como observa Oliveira (2016), é normalmente feita com materiais da própria região e conta com a mão-de-obra disponível,

normalmente masculina. Bastante ligada ao lugar de implantação e aos costumes do povo, a arquitetura vernácula se integra ao meio. Não tem excessos e surge do objetivo de atender as necessidades do grupo.

No programa acima citado, Antônio de Almeida, morador de Manaus, conta um pouco sobre sua vivência em áreas alagáveis. Ele, que viveu toda sua vida na região, fala sobre sua rotina que consiste em trabalhar na roça durante o período de seca, plantando, colhendo e produzindo para ter uma situação estável no período de cheia. O trabalho na plantação dura até o entardecer e à noite, é o momento do descanso no qual passa “assistindo novela até a hora de dormir”. Sobre sua casa ele conta que está construindo outra pois a anterior já havia sido atingida pela água na última cheia, segundo o próprio, o nível do rio vem subindo cada vez mais e assim, tem-se que construir palafitas mais elevadas.

Com relação à construção, usa-se madeira não tratada e a cobertura é feita de telhas de alumínio. Antônio diz que antes era usada palha branca para se fazer a cobertura, mas apesar de deixar o ambiente mais fresco, a troca do material aproximadamente a cada 4 anos dificultava seu uso. A construção, segundo o próprio, pode ser concluída no período de dois meses e é possível de ser feita com apenas duas pessoas e os conhecimentos básicos que foram adquiridos com o passar do tempo. Na imagem abaixo (Figura 4), extraída do programa citado, Antônio de Almeida, no chão, e um amigo constroem a nova palafita:

Figura 4: Construção da palafita

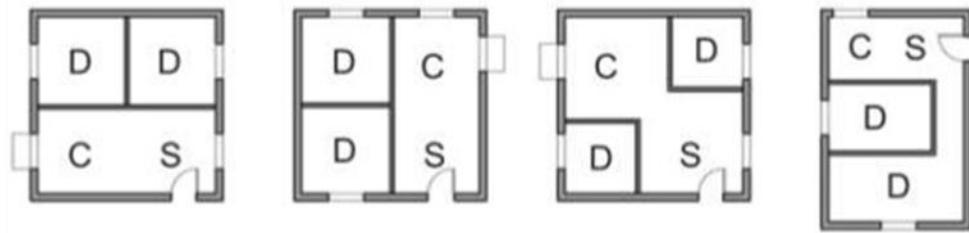


Fonte: Vídeo Habitar/Habitat: Palafitas e Casas Flutuantes de Paulo Markun e Sérgio Roizenblit

Sobre as habitações ribeirinhas, Menezes et al. (2012) afirma que a espacialidade se dá de um jeito bastante característico na maioria das vezes, dividindo-se entre quatro espaços. Expõem a residência como sendo composta por uma sala, uma cozinha, que em alguns casos é integrada com a sala criando-se um recinto multiuso, um banheiro, geralmente situado fora das dependências da moradia e os dormitórios.

Oliveira Junior (2009), observa que no geral elas são formadas por quatro ambientes (Figura 5), sendo eles: sala, dois quartos e cozinha com jirau, descrito por Brugnera (2015) como sendo uma área de apoio do trabalho, localizando-se no espaço externo da casa. Nesse local são comuns atividades como lavar a louça, manusear pesca e frutos, além de trabalhos artesanais. O banheiro, normalmente no exterior da casa, é chamado de “casinha” e abriga uma pequena área sanitária que despeja os dejetos diretamente no rio.

Figura 5: Esquema de alternativas da distribuição interna de casas ribeirinhas mais simples. D: dormitório, S: sala, C: cozinha



Fonte: Extraído da dissertação de Mestrado de Jair Antonio de Oliveira Junior (2009)

Segundo o relato, Oliveira Junior (2009) e um grupo de pesquisadores se hospedaram durante uma noite na comunidade de Santa Luzia da ilha do Baixo a fim de interagir com os moradores e conhecer um pouco da cultura local. Além de perceber o espaço das moradias, também foram feitas algumas observações interessantes a respeito da adaptação do ribeirinho aos novos mobiliários da casa:

Algumas famílias, com um poder aquisitivo um pouco maior, compram equipamentos como fogões a gás e conjunto de pia de aço inox. Porém, estes equipamentos normalmente não são utilizados, de modo que as famílias utilizam fogão à lenha, além de um reservatório de água para lavar a louça ou prepara alimentos, pois são raras as casas com água encanada. Nas casas com maior poder aquisitivo, (...) encontramos itens tecnológicos, como aparelho de TV e DVD, aparelho de som, sempre instalados na sala, servindo como importante sinal de status. Além do acesso aos novos bens de consumo, a população ribeirinha toma contato com um novo repertório, com maior força por meio da programação da TV, que, numa sobreposição de costumes, transforma cada vez mais seus hábitos e cultura (OLIVEIRA JUNIOR, 2009, p. 123 e p.124).

Figura 6: Exemplo de casa ribeirinha com itens que garantem status ao morador



Fonte: Extraído da dissertação de Mestrado de Jair Antonio de Oliveira Junior (2009)

Ainda sobre os valores culturais dos ribeirinhos, no programa do canal SescTV (2013) dirigido por Paulo Markun e Sérgio Roizenblit, citado anteriormente, fala-se a respeito da relação entre o cuidado com a casa e a imagem da família. No exemplo dado, é dito que um assoalho brilhante, bem encerado é sinal de que a família cuida bem da casa, é “caprichosa”. Nesse contexto, pode-se falar também dos itens de cozinha, que são expostos como se fossem troféus. As panelas são muito bem areadas e deixadas nas paredes, enquanto os copos, jarras e pratos dispostos em prateleiras seguindo uma lógica de organização, motivo de orgulho para a dona da casa. Percebe-se ainda, pelas imagens abaixo, que há muito cuidado em deixar a casa adornada, seja com enfeites, cortinas, capas ou toalhas.

Figura 7: Panelas expostas e organização das prateleiras



Fonte: Jair Antonio de Oliveira Junior

Figura 8: Parede com ornamentos e cortinas



Fonte: Jair Antonio de Oliveira Junior

De acordo com Oliveira Jr (2019), a casa ribeirinha se volta ao rio e a relação entre ambos é constante. É comum as famílias usarem a área externa da casa como um espaço de lazer, descanso e preparo de refeições, além de trabalhos manuais como preparativos para pesca ou manuseio do açaí. Quando o nível da água sobe a varanda funciona como uma janela para o mundo e atua como atracadouro e recepção para quem chega de barco.

Para Neto e Furtado (2015) os grupos considerados tradicionais, em geral, ao terem exercido a sua territorialidade por muito tempo em seus respectivos espaços, criando raízes e exercitando uma intimidade com toda a natureza ao seu entorno, acumularam uma sabedoria que só a permanência no lugar, ao longo de gerações, poderia propiciar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa fica clara a relação entre ribeirinho e natureza. Pautado pelo regime das águas, o modo de vida dessa população teve necessariamente que se adequar para ser possível. Muito do cotidiano ribeirinho, como trabalho, transporte e alimentação, depende do nível dos rios. Souza (2012) observa também que esse modo de viver está diretamente associado ao conhecimento adquirido ou herdado sobre como lidar com os ambientes de várzea e terra firme, às formas de manusear os recursos naturais e integrá-los no dia a dia.

A forma que a cultura se expressa arquitetonicamente fica explícita quando percebemos que tanto na construção do espaço quanto no seu uso os saberes adquiridos de geração em geração se fazem presentes. Na maior parte dos casos a construção das habitações é feita pela própria comunidade, se encaixando no que muitos autores chamam de arquitetura vernacular, feita com os recursos disponíveis, e seu uso é definido pela sazonalidade do rio. Pode-se considerar que a adaptação necessária para ocupar esse ambiente também é classificada como um conhecimento herdado.

As palafitas e flutuantes expressam que há um respeito pelo ambiente no qual a casa ribeirinha se insere, que a arquitetura é moldada a partir da natureza e não o contrário. A partir da compreensão do sistema das águas, cheias e vazantes do rio, se constrói e se vive. Sem esse entendimento não seria possível para o ribeirinho habitar essa região. Assim podemos notar pela arquitetura produzida e atividades cotidianas que o ritmo de vida do ribeirinho é guiado pelas águas e é nesse contexto que a paisagem é composta.

Nogueira (2016) coloca que baseando-se nas experiências do habitar ribeirinho pode-se perceber que a noção de casa perpassa todos os costumes e tradições, refletindo a própria cultura que a criou, assim como a manutenção e transmissão dessas tradições também se inicia na casa. Diz ainda que o habitar dessa população é extremamente inspirador, pois demonstra outra valorização do mundo a nossa volta onde o aprendizado é indispensável para a própria sobrevivência. A arquitetura ribeirinha carrega consigo uma herança extremamente valiosa, que expressa toda carga cultural de um povo.

Optando por abordar os três temas (a paisagem, o ribeirinho e a habitação), foi possível entender a lógica de cada um, antes de fazer uma conexão entre eles estabelecendo os vínculos entre a cultura e arquitetura. Desse modo, o objetivo principal do trabalho, que consistia em compreender o modo que o ribeirinho usufrui do espaço de moradia e como se dá essa relação com a paisagem, no sentido do habitat e sazonalidade do rio, foi alcançado.

4. REFERÊNCIAS

BRUGNERA, Ana C. **Meio ambiente cultural da Amazônia brasileira: dos modos de vida a moradia do caboclo ribeirinho**. 2015. 268 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

BRUGNERA, Ana C.; MEIRELLES, Célia R. M.; JUVENAL, Patricia T.; ZIPPERT, Ingrid C. **A Relação da morada dos ribeirinhos da costa do Canabuoca, Manacapuru-AM: processos construtivos da Costa do Canabuoca**. In: Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, 40, 2016, Belo Horizonte, 2016.

FRAXE, Therezinha J. P. **Homens anfíbios: Etnografia de um campesinato das águas**. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2000. 192 p.

HABITAR/HABITAT: **Palafitas e Casas Flutuantes**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=74g--0WOyAA&t=1s>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Almanaque Brasil Socioambiental**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008. 552 p.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 120 p.

LIMA, Maria A. R. de; ANDRADE, Erika dos R. G. Os ribeirinhos e sua relação com os saberes. **Educação em Questão**, Natal, v. 38, n. 24, p. 58-87, mai./ago. 2010.

MALANCHEN, Julia. **O conceito de cultura: definição e compreensão a partir da teoria Marxista**. Foz do Iguaçu, 2015.

MENEZES, Tainá M. dos S.; PERDIGÃO, Ana K. de A. V.; FELISBINO, Danielli de A. **Abordagem geométrica entre a informalidade e a formalidade da habitação amazônica**. In: NUTAU, 9., 2012, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2012. p. 1-15

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Caderno da Região Hidrográfica Amazônica**. Brasília: MMA, 2006. 126 p.

MORAES, Denise. INVIVO FIOCRUZ. Disponível em: < <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi> >. Acesso em: 13 jun. 2019.

NETO, Francisco R.; FURTADO, Lourdes G. A ribeirividade amazônica: algumas reflexões. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 24, p. 158-182, 2015.

NOGUEIRA, Laelia R. B. Arquitetura vernacular e paisagem amazônica: um caminho na busca pelo habitar poético. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies** – XXII (2): 171-180, jul/dez, 2016.

OLIVEIRA, Carolina do A. G. C. de. **Projeto e técnicas construtivas de habitações ribeirinhas: Um estudo de flutuantes e palafitas**. In: XII Jornada de Iniciação Científica e VI Mostra de Iniciação Tecnológica, 2016, São Paulo/ SP, 2016.

OLIVEIRA JUNIOR, Jair A. **Arquitetura Ribeirinha sobre às águas da Amazônia: o habitat em ambientes complexos**. 2009. 204 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA JUNIOR, Jair A. **Arquitetura Ribeirinha na Amazônia: Habitar em ambientes extremos**. In: Encontro de Sustentabilidade em Projeto, 7, 2019, Florianópolis, 2019.

PEREIRA, Marcelo S.; WITKOSKI Antônio C. Construção de paisagem, espaço e lugar na várzea do rio Solimões-Amazonas. **Novos Cadernos NAEA**, Pará, v. 15, n. 1, p. 273-290, jun. 2012.

PORTAL AMAZONIA. Disponível em:< <http://portalamazonia.com/noticias> >. Acesso em: 29 jul. 2019.

SAMPAIO, Francisca P. R.; AGUIAR, Diego G.; FILIZOLA, Naziano P. J.; SCHOR, Tatiana. **Níveis fluviométricos e o custo de vida em cidades ribeirinhas da Amazônia: O caso de Manacapuru e Óbidos**. Manaus, 2012.

SANTOS, Cássio R. S.; SALGADO, Mayany S.; PIMENTEL, Márcia. A da S. **Ribeirinhos da Amazônia: Modos de Vida em Relação a Amazônia**. 2012.

SOUZA, Antonio C. B. Ambiente e vida regional ritmado pela várzea no complexo Solimões-Amazonas. **Revista Geonorte**, Edição Especial, v.2, n.4, p.91 – 102, 2012.

Contatos: patricia.ribeiro_@hotmail.com e jair.oliveira@mackenzie.br